

0				

239

Índios Gavião matam braçal que catava castanha-do-pará

NILSON SANTOS

■ MARABÁ

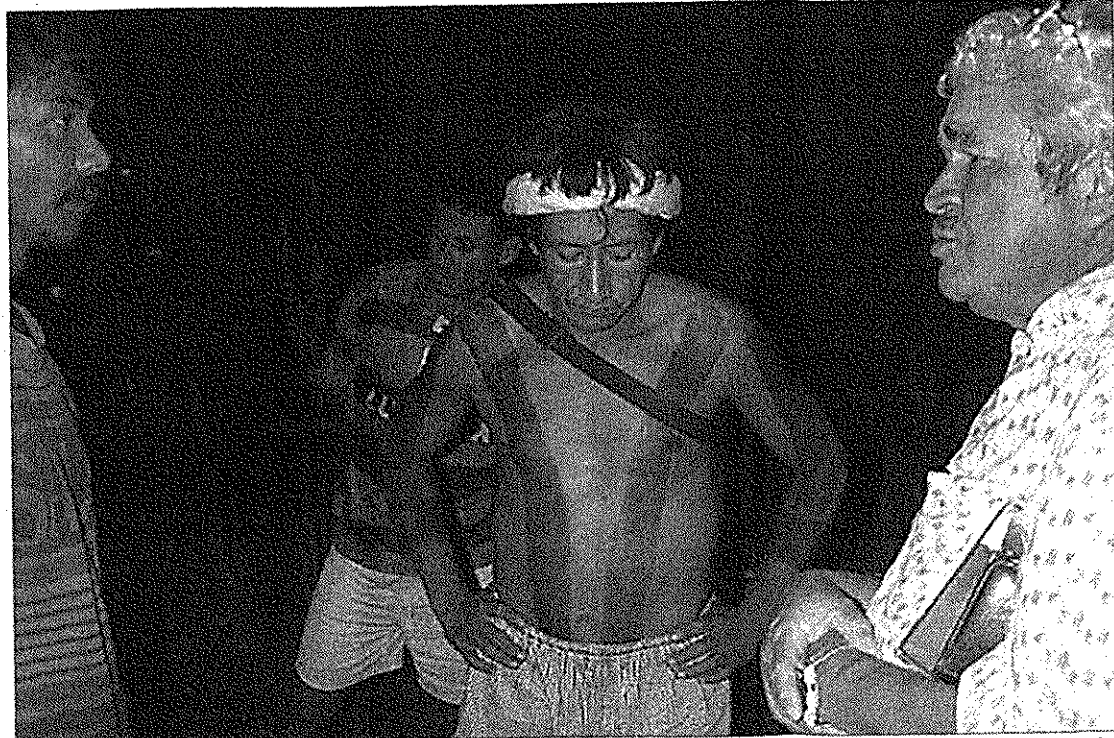
Nilson Santos, correspondente

O braçal maranhense Itamar Mendes da Silva, de 42 anos, casado, foi morto na tarde de anteontem, dentro da reserva "Mãe Maria", onde vivem índios da nação Gavião, ou "Parkategê". A vítima, junto com Almir da Conceição Leite, 33, operador de motosserras desempregado, e o vigilante noturno Raimundo Barbosa, 45, casado, estavam recolhendo castanha-do-pará dentro da área indígena, quando foram surpreendidos por um grupo de cerca de 15 guerreiros, todos pintados e armados com fuzis. Itamar tentou correr e foi baleado por um dos índios. A reserva fica a cerca de 20 quilômetros de Marabá, na localidade de Morada Nova.

Detidos pelos guerreiros, Almir e Barbosa foram obrigados a carregar o corpo do companheiro pelo meio da mata por mais de cinco quilômetros, até às margens da BR-222. O próprio cacique da aldeia, mais conhecido como "Capitão", encarregou-se de comunicar o acontecido à direção da Funai, em Marabá. O chefe de segurança da reserva, Josimar, por seu turno, acionou o IML para a remoção do cadáver.

Itamar foi baleado por volta das 14 horas e morreu menos de cinco minutos depois, segundo relatou a O LIBERAL, em Marabá, o operador de motosserras. Abalado com o susto que passou, Almir declarou que ficou surpreso, porque o colega levou apenas um tiro e assim mesmo na perna esquerda, mas morreu em seguida. O técnico em necropsia do IML, Leudimar Costa, esclareceu que a bala atingiu a femoral da vítima. "Um local bastante delicado e quase sempre fatal", explicou.

Desemprego - Sempre lamentando a morte do companheiro, Almir



Um dos índios Gavião envolvido na morte do braçal. Como os outros, ele estava com o corpo pintado.

da Conceição justificou que no domingo havia sido a primeira vez que ele e Itamar entraram na área dos índios Gavião. Mesmo assim, segundo ele, por desconhecerem o fato de que estavam entrando em terra pertencente aos índios e que aquela área é proibida. Barbosa, por seu turno, revelou que já era a segunda vez que entrava naquela parte da reserva, para buscar castanha. "A primeira vez foi tranqüila e resolvi voltar", disse o vigilante.

Almir declarou ainda, que só foi buscar castanha-do-pará porque está desempregado e com sua mulher prestes a dar à luz. De acordo com suas declarações, um outro amigo ensinou o caminho da mata, afirmando que em determinada área havia castanha com fatura, por ser época da safra do fruto,

que abunda no sul do Pará. "Fui induzido pela necessidade", afirmou o desempregado, sempre argumentando que não sabia estar entrando em área proibida.

Barbosa pouco quis conversar com a reportagem, visivelmente nervoso. Foi Almir quem deu detalhes de como tudo aconteceu. Ele ressaltou a O LIBERAL, que depois de caminharem por alguns quilômetros dentro da floresta, conseguiram localizar uma produção bastante animadora. Os três, então, passaram a cortar os ouriços para colocar as castanhas em sacos. Quando já tinham recolhido quase dois sacos de 50 quilos, foram surpreendidos com a presença dos guerreiros.

Almir fez questão de ressaltar que os índios, a princípio, não se mostraram arredios. Como Itamar saiu cor-

rendo pela mata, alguns dos guerreiros saíram atrás dele. Poucos minutos depois, ainda de acordo com as declarações do braçal, os índios voltaram avisando que "branco estava caído e precisava ser carregado". Quando seguiram para o local apontado pelo grupo, disse Almir, Itamar já estava morto. "Tivemos que carregar ele nos ombros", salientou o operador de motosserras.

O caso foi entregue à Delegacia de Polícia Federal, para onde Almir da Conceição e Raimundo Barbosa foram encaminhados. O chefe de segurança da aldeia, Josimar, informou que a Funai iria tomar providências no sentido de ajudar no funeral da vítima. "Ele estava saqueando área de preservação e sob a tutela do governo federal", justificou o funcionário da Funai.